

Título: Avaliação do perfil proteico em Pinguins de Magalhães (Spheniscus magellanicus - Forster, 1781)

Autor(es) Ursula Raquel do Carmo Fonseca da Silva*; Carla Zommer

E-mail para contato: ursularaquel@ibest.com.br

IES: UNESA / Rio de Janeiro

Palavra(s) Chave(s): Pinguins de Magalhães; proteinograma; proteínas séricas

RESUMO

Os Pinguins de Magalhães da espécie *Spheniscus magellanicus* (FORSTER, 1781) são aves pertencentes à ordem dos Sphenisciformes, fazendo parte da família Spheniscidae. Ocorrem em toda a costa do sul da América do Sul, com pontos de reprodução no Chile, na Argentina e nas Ilhas Malvinas. Ao longo de sua evolução, os pinguins desenvolveram muitas adaptações à vida marinha, mas mesmo com todas as adaptações os Pinguins de Magalhães estão classificados desde 2004 pela IUCN (International Union for Conservation of Nature) como espécies quase ameaçadas de extinção. Só na costa sul brasileira, por exemplo, aparecem cerca de 30 carcaças por Km durante o ano. Durante os meses de janeiro a novembro/2013, foram resgatados e encaminhados para Clínica de Reabilitação de Animais Silvestres da Universidade Estácio de Sá (CRAS), cerca de 270 Pinguins de Magalhães, vindo a maioria da praia da Barra da Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes/RJ, trazidos pela Patrulha Ambiental e pelo Parque Natural Municipal do Chico Mendes. Todos os animais passaram por um protocolo de alimentação na primeira semana de recuperação na clínica, sendo alimentados por sonda com soro caseiro alternado com uma mistura de peixe e complementos vitamínicos e proteicos, no mínimo 8 vezes ao dia. Após um período de aproximadamente quatro dias, era seguido o mesmo protocolo anterior de alimentação, sendo que, um peixe era oferecido no final do dia aos animais que já ficavam em pé ou com a cabeça levantada. Após a recuperação inicial dos animais, a alimentação oferecida variava de acordo com a disponibilidade de peixe, totalizando em torno de seis a oito sardinhas por dia. Como forma de auxiliar na investigação laboratorial desses animais, o objetivo desse trabalho foi determinar o perfil proteico sérico dos pinguins, sendo utilizados oito pinguins, independentes de idade e sexo, da espécie *Spheniscus magellanicus* (FORSTER, 1781), internados por períodos maiores que 15 dias na CRAS. Os animais utilizados no experimento haviam sido testados através de exames laboratoriais específicos, apresentando em sua maioria, resultados positivos para Aspergilose, Micoplasmose e Plasmodiose. Os pinguins foram submetidos a jejum por aproximadamente 15 horas e com o emprego de agulha e seringa estéril descartável de 3 ml, foram coletados de 2 a 3 ml de sangue da veia metatarsal medial, sendo acondicionado em tubos de vacutainer sem anticoagulante para o imediato encaminhamento ao Laboratório de Patologia Clínica da Universidade Estácio de Sá, onde foi mantido em banho-maria a 37°C, durante cerca de uma hora, para em seguida ser centrifugado a 2500 rpm, por 10 minutos para obtenção do soro. Os soros foram coletados através do uso de pipetas automáticas de 100 microlitros, e acondicionados em tubos de hemólise, devidamente identificados, os quais foram utilizados para as determinações bioquímicas das proteínas totais e albumina séricas, com uso da espectrofotometria e kits colorimétricos específicos da marca Labtest. Os valores médios para as proteínas totais, albumina e globulinas foram respectivamente: 8,6 g/dL, 1,0 g/dL e 7,6 g/dL, com desvio padrão respectivamente de 0,70; 0,15 e 0,75. Comparando os valores encontrados nos exames bioquímicos dos Pinguins de Magalhães da CRAS com os resultados de referência na literatura consultada, os animais apresentaram um quadro de hiperproteinemia, totalizando em média um valor em torno de 43% mais alto. É provável que a hiperproteinemia tenha sido causada pelo aumento na fração das globulinas, uma vez que os valores de albumina encontravam-se abaixo dos valores referenciais. Em termos interpretativos, conclui-se que a justificativa para a hiperglobulinemia observada nos pinguins do presente estudo está associada com doenças inflamatórias crônicas, provavelmente a aspergilose observada nestes animais.